



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV  
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

VANESKA RODRIGUES DE OLIVEIRA SILVA

**DISCURSO E MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE EM  
*ÓRFÃOS DO ELDORADO*, DE MILTON HATOUM**

Mossoró  
2021

VANESKA RODRIGUES DE OLIVEIRA SILVA

**DISCURSO E MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE EM  
*ÓRFÃOS DO ELDORADO*, DE MILTON HATOUM**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcos Vinicius Medeiros da Silva

Mossoró  
2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S586d

Silva, Vaneska Rodrigues de Oliveira

Discurso e Memória Na Construção Da Realidade Em Órfãos Do Eldorado, De Milton Hatoum. / Vaneska Rodrigues de Oliveira Silva. - Mossoró, 2021.

33p.

Orientador (a): Prof. Dr. Marcos Vinicius Medeiros da Silva.

Monografia (Graduação em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Discurso. 2. Memória. 3. Milton Hatoum. 4. Narrador. 5. Narrativa. I. Silva, Marcos Vinicius Medeiros da. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

VANESKA RODRIGUES DE OLIVEIRA SILVA

**DISCURSO E MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE EM  
ÓRFÃOS DO ELDORADO, DE MILTON HATOUM**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**Banca Examinadora**

---

Prof.Dr. Marcos Vinicius Medeiros da Silva- UERN  
Orientador

---

Prof. Dr. Alexandre Bezerra Alves-UERN  
Examinador

---

Prof. Me. Alúcio Barros de Oliveira- UERN  
Examinador

Dedico a minha família, que se fez presente em cada momento dessa jornada, em especial ao meu filho José Levi, tudo por ele.

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente ao meu Deus que me permitiu chegar aqui, foram anos de luta e dedicação, houve momentos que tive que abdicar e fazer escolhas, porém sou muito grata pelas minhas escolhas e resultados que serão alcançados com minha graduação, pois o caminho certo é a educação.

Gostaria de agradecer a minha família, eles são minha base. E sei que o mérito inicial foi meu, assim como durante todo o curso tive que me esforçar muito para cada aprovação, mas sem eles, sem o apoio deles eu não teria conseguido chegar aqui. Quero agradecer em especial ao meu pai Francisco Josimar da Silva, que sempre será minha inspiração e minha referência como exemplo de ser humano e de determinação. Obrigado meu pai por todas as vezes que o senhor trabalhou nas madrugadas para que hoje eu tivesse aqui concluindo mais uma graduação, o senhor sempre fala que o estudo sempre será o melhor caminho.

Esposo e filho eu sou imensamente grata a vocês, por todo carinho e compreensão comigo, mesmo nos dias que eu estava muito atribulada, nas correrias entre provas e seminários, vocês sempre entenderam minha rotina de estudante universitária.

Um grande obrigado a toda turma do 2017.2, foi onde fui bem acolhida no meu retorno após a maternidade, tudo pra mim era novo e difícil, mas o acolhimento que vocês me deram, foi essencial para minha motivação e para a continuação nessa jornada. Agradeço em especial a turma do ladinho da janela e aos grupinhos do modo remoto, com vocês: Beatriz, Ruthe, Wellytania eu tive trio e quarteto. Nessa turma, também tive grupão: Brenna, Camila, Leticia, Lucas, Luriano, Rita, Rozilene (Rozi), Thacymara, Vanda, e Vitória, vocês são maravilhosos e desejo sucesso para todos.

Eu também não poderia deixar de agradecer aos meus queridos professores que estiveram presentes em cada passo na minha graduação. Sou muito grata, em particular ao meu orientador, o Professor Dr. Marcos Vinicius Medeiros da Silva que sem hesitar aceitou meu convite de orientação, e se fez presente neste momento tão especial. E gratidão à professora Ana Remígio, que me fez enxergar a literatura com outros olhos.

Por fim agradeço a todos que de alguma forma participaram dessa jornada.

Escrever é tantas vezes lembra-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? Assim: como se me lembrasse. Com um esforço de memória, como se eu nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi, mas eu me lembro, e a lembrança é carne viva.

*A descoberta do mundo, Clarice Lispector*

## RESUMO

A presente pesquisa propõe evidenciar a memória discursiva de Arminto, um homem solitário que, nas idas e vindas à sua terra natal, (re) constrói de modo subjetivo o que viveu, a partir das relações conturbadas com seu pai, Amando, e com Dinaura, a amante misteriosa. Essas relações desvendaram uma história cercada de emoções e nostalgias. O narrador-personagem é de raça branca, advém dos exploradores das margens do rio Amazonas que, na novela, tem como figura representante o próprio pai. Amando é, com isso, o elo de conflito da narrativa, uma vez que se opõe imperiosamente ao protagonista, gerando tensão discursiva. A maneira como o pai afeta o personagem propicia a estrutura desta tensão melancólica, pois, mesmo depois de morto, Amando continua presente, tipificado pela violência, pelo autoritarismo e pelo desprezo impostos ao filho. De modo resiliente, Arminto caminha na direção oposta à do seu opressor e se nega a receber o legado familiar. Num misto de loucura e lucidez, o narrador, no limiar da velhice, conduz seu discurso, expõe seu relato que oscila entre fatos revividos e histórias oriundas da imaginação popular. A junção dessas duas instâncias de complexidade dramática forma o arcabouço discursivo impresso na narrativa. O objetivo principal deste trabalho é analisar o modo como se constrói a memória discursiva do narrador nas circunstâncias de vida em que ele se encontra. Para tanto, procuramos fundamentar nossa pesquisa em bases teóricas de Bakhtin (2002); Bosi (1994); Foucault (2008); Halbwachs (2004); Maingueneau (2018). Assim, esperamos que a narrativa de *Órfãos do Eldorado* nos ofereça um mergulho no passado do personagem, com a finalidade de entender melhor como sujeito no mundo. E que a memória passe a ser uma ferramenta para a narração, e uma tentativa de imaginar o passado, de (re)construí-lo, de esclarecer um momento sombrio do personagem.

**Palavras-chave:** Discurso. Memória. Milton Hatoum. Narrador. Narrativa.

## RESUMEN

Esta investigación se propone a evidenciar a la memoria discursiva de Arminto, un hombre solitario que, en las idas y vueltas a su tierra natal, (re) construye de modo subjetivo lo que ha vivido, partiendo de las relaciones conturbadas con su padre, Amando y con Dinaura, una amante misteriosa. Estas relaciones desvelaron una historia llena de emociones y nostalgias. El narrador es caucasiano, tiene su origen en los exploradores de la orilla del Río Amazonas que, en la novela, tiene como figura representante el propio padre. Amando es, con ello, el eslabón de conflicto de la narrativa, visto que se opone imperiosamente al protagonista, llevando a cabo tensión discursiva. La forma como el padre aflige al personaje ofrece una estructura para esta tensión melancólica, siendo que, después de muerto, Amando continúa presente, tipificado por la violencia, autoritarismo y por el desprecio impuestos al hijo. Con resiliencia, Arminto está camino opuesto al de su opresor y se niega a recibir el legado familiar. En una mezcla de locura y lucidez, el narrador, al borde de su vejez, conduce su discurso, enseña su relato que oscila entre hechos revividos e historias provenientes de la imaginación popular. La suma de estas dos instancias de complejidad dramática forma la referencia discursiva en la narrativa. El principal objetivo de este trabajo es averiguar el modo como se construye la memoria discursiva del narrador en los contextos de vida en que se lo encuentra. Así que, buscamos basar y fundamentar con las investigaciones teóricas de Bakhtin (2002); Bosi (1994); Foucault (2008); Halbwachs (2004); Maingueneau (2018). Con ello, esperamos que la narrativa de *Órfãos do Eldorado* nos ofrezca un viaje al pasado del personaje, con la finalidad de mejor comprender como sujeto en el mundo. Y que la memoria se vuelva una herramienta para la narración, y un intento para imaginar el pasado, (re) construirlo y aclarar un momento oscuro del personaje.

**Palabras claves:** Discurso. Memoria. Milton Hatoum. Narrador. Narrativa.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 MEMÓRIA E LITERATURA .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Os estudos da memória.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 A presença da memória na literatura.....</b>	<b>18</b>
<b>3 A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DISCURSIVA EM <i>ÓRFÃOS DO ELDORADO</i>.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 A estrutura narrativa de <i>Órfãos do eldorado</i>.....</b>	<b>23</b>
<b>3.2 A memória discursiva do narrador.....</b>	<b>26</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Pinheiro (2003, p.23) existem diferenças entre fazer uma pesquisa em literatura quanto em ciências sociais ou em linguística. Ele ainda diz que algumas das diferenças está no objeto estudo. Pois na Literatura, os estudiosos trabalham com obras literárias que são objeto de estudo com características peculiares. Ainda de acordo com o autor, ao estudarmos uma obra artística, estamos lidando com uma experiência humana ligada ao autor da obra e a um contexto histórico. Com isso, nosso objeto de estudo é a obra *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, onde teve sua primeira publicação em 2008 pela editora Companhia das Letras. O autor é um escritor da atualidade, nascido em Manaus, porém viveu em outras cidades, como Brasília, hoje em dia reside em São Paulo e é professor de Literatura assim como também é diplomado em Arquitetura. E nessa obra ele traz um riquíssimo contexto histórico, a Amazônia no ciclo da borracha, histórias e mitos de Manaus, como também lendas e mitologia indígena, ou seja, é uma obra que pode ser trabalhada em diversas áreas.

Assim, por meio do nosso objeto de estudo, analisaremos a memória discursiva do narrador-personagem que ocorreu das experiências vivenciadas com outras personagens que fizeram parte de sua infância. As memórias revividas pelo narrador surgem a partir do momento em que ele volta para a comunidade onde viveu. De tal modo, ele consegue resgatar o passado, mas estando no momento presente, ou seja, há o encontro do passado com o presente, na busca de reconstruir o que já se foi vivido.

Assim a presente pesquisa propõe evidenciar a memória discursiva de Arminto, que é o narrador personagem, um homem solitário que, nas idas e vindas à sua terra natal, reconstrói de modo subjetivo o que viveu, a partir das relações conturbadas com seu pai, Amando, e com Dinaura, a amante misteriosa.

A obra e o tema dessa pesquisa foram escolhidos em parceria com meu orientador de pesquisa. Procuramos trabalhar dentro do nosso projeto de pesquisa que tem como título "As vozes narrativas: a memória e a construção do discurso literário", nosso grupo de estudo designado como *Grupo de estudos literários e suas interfaces críticas (GELINTER)*. A escolha por este nosso objeto de estudo deu-se por considerarmos essa narrativa de Hatoum, assim como a maioria de suas narrativas, que também trazem essas memórias ficcionais dos narradores, e essas memórias nos

oferecem um grande mergulho no interior e nas primeiras experiências da infância dos narradores, permitido assim analisamos como se constrói a memória discursiva do narrador nas circunstâncias de vida em que ele se encontra.

A determinação rememorativa que impulsiona a trama da narrativa não significa que ela será plena em sua reconstituição do passado; antes, o texto é vazado pelas fendas que invariavelmente participam da memória e o passado vivido e perdido se confundirá com o passado narrado e imaginado. Tendo seu projeto de retomada e registro do passado abalado por essa memória que é também esquecimento, o narrador tenta, ainda uma vez mais, domar essa memória e, de uma forma ou de outra, vai tentando organizar a própria história revivida no momento da enunciação.

Sendo assim, a natureza deste estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica, pois segundo Gil (2002, p.44), a pesquisa bibliográfica acontece quando o pesquisador desenvolve seu estudo através de material já elaborado. Assim como faremos em nossa pesquisa, da qual faremos estudos em materiais como livros físicos, artigos científicos, e acervos digitais que abordam esta temática do discurso e da memória.

Segundo Lakatos (2001, p.44) a pesquisa bibliográfica passa por 8 fases diferentes. Dentre essas fases, temos da análise e interpretação, e essa será uma das fases que usaremos em nossa pesquisa, já que trabalharemos com análise de uma obra. Com isso trabalharemos em nossa análise com a crítica interna que se dará a partir da hermenêutica. Pretendemos trabalhar com esse método porque nossa pesquisa requer um estudo mais profundo sobre o autor e o texto. Assim, nossa pesquisa se dará por meio desse método, fizemos seleção de textos sobre o discurso, a memória e a literatura, como também fizemos releitura e interpretação de nosso objeto de estudo. Ainda foram realizadas leituras em fortunas críticas do autor.

Inicialmente foi feita a seleção de textos pertinentes ao assunto abordado. Para tanto, procuraremos fundamentar nossa pesquisa em bases teóricas de Bakhtin (2002), Bosi (1994), Foucault (2008), Halbwachs (2004), Maingueneau (2018), Silva (2003). Então de início começamos com uma releitura da obra que é nosso objeto de análise, em seguida fizemos a leitura dos textos “Memória individual e coletiva” de Maurice Halbwachs, que será uma das leituras importante que nos ajudará na hora de fazermos a análise das memórias do narrador. Assim como também realizamos a leitura do livro *Mitos, memória e infância em Dois irmãos e Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, do escritor Silva (2017), e a leitura do texto de Ecléa Bosi (1994)

*Memória e sociedade: lembranças de velhos*, onde ela trabalha com memórias de idosos. Que é também uma leitura de suma importância, pois assim como as demais leituras da fundamentação teórica ela nos ajudará na realização da análise da pesquisa.

Imaginamos nossa pesquisa em duas partes: na primeira, pretendemos realizarmos um apanhado teórico sobre memória e literatura, baseando-se em autores como Halbwachs (2004) que nos ajudará a compreender melhor a relação que se estabelece do sujeito com suas memórias, e será fundamental lançarmos mão das teorias deste autor sobre memória individual e coletiva, pois dessa maneira, constatamos de que modo a memória individual é uma ressignificação da memória coletiva e de que modo o discurso do narrador foi construído passados muitos anos. Ainda neste momento de fundamentação teórica, estudaremos a presença da memória na literatura. Logo no segundo momento trabalharemos com a análise, onde teremos como objetivo principal analisar o modo como se constrói a memória discursiva do narrador nas circunstâncias de vida em que ele se encontra. A narrativa de *Órfãos do Eldorado*, que nos oferece um mergulho no passado da personagem, dá uma volta no seu tempo de criança, com a finalidade de se entender melhor como sujeito no mundo.

Para tanto vamos refletir, podemos encontrar a presença da memória na Literatura? A resposta é bem simples. Sim. Podemos encontrá-la através da enunciação narrativa. Mas como isso pode acontecer? se pararmos para analisarmos, veremos que quando um narrador narra a memória de época e a representação da sociedade, ele está trabalhando com a memória através de sua enunciação. Com isso nesse próximo capítulo trabalharemos com o estudo sobre a memória e a literatura.

## **2 MEMÓRIA E LITERATURA**

De acordo com os autores Azevedo e Forgati (2019, p.4), quando discorremos ou usamos a palavra memória no singular e no plural, temos que saber que existem distinções entre elas, além do singular e do plural representando a quantidade. Essa palavra também apresenta uma diferença, onde precisamos diferenciá-las. A “memória” termo usado no singular, significa de acordo com Azevedo e Forgati uma palavra que retrata o uso na psicologia, e quando está associada a função de evocar e reconhecer “memórias” no plural, seria um gênero narrativo, que nos leva ao gênero literário, chamado de memória literária.

Azevedo e Forgati (2019, p.5) nos dizem que a memória literária é uma narrativa onde o autor conta suas recordações (lembranças) de sua vivência pessoal, imaginária ou até mesmo das pessoas e acontecimentos que ele observou. Neste tipo de texto, o narrador também é um personagem, pois ele tem ao mesmo tempo o papel de resgatar o passado e narrar os acontecimentos. Portanto com essa demonstração de ligação dos termos “Memória” e “Literatura”, nós iremos nos aprofundar mais um pouco, nesses próximos pontos da pesquisa.

### **2.1 Os estudos da memória**

Começamos a falar anteriormente sobre a ligação da Memória com a Literatura, mas para entendermos melhor, fizemos mais algumas pesquisas sobre ambas. De início, falaremos que elas se uniram através do texto com contexto, pois segundo Maingueneau (2018, p.13) os responsáveis por começarem as reflexões sobre as relações de texto literário com contexto histórico foram os gramáticos alexandrinos. E de acordo com o autor Maingueneau (2018, p.17), quando um filólogo tem a certeza da identidade de um texto, ou seja, de sua autoria, ele tem por sua função de mostrar ao povo que este texto é um representativo tanto quanto ao tempo como ao grupo, e que nele encontramos a presença do individual e do coletivo. Ou seja, através do texto podemos vermos ele exprimido uma época, mostrando ao leitor um dado momento já vivido de uma sociedade. “Os escritores, e mais geralmente os artistas, são tidos por esses indivíduos notáveis que teriam o poder de exprimirem os pensamentos e os sentimentos de seus contemporâneos” (MAINGUENEAU, 2018, P.17). Assim podemos ter como exemplo o livro de Silva (2003) que traz relatos de pessoas que

buscam representar situações históricas, que elas ou outras pessoas passaram. Neste livro, encontramos um capítulo que aborda claramente o que nos diz Maingueneau (2018) sobre os escritores exprimirem uma época através de um texto, pois neste capítulo citado do livro de Silva (2003, p. 297), o autor traz algumas notas do testemunho de Rigoberta Menchú, uma ativista da Guatemala do grupo Quiché-Maia, que trabalha na defesa humana, e tiveram reconhecimento no prêmio Nobel da Paz, por sua campanha pelos direitos humanos e a favor dos povos indígenas. Nesse texto encontramos um estudo sobre os testemunhos (depoimentos) dos indígenas, junto com algumas notas do testemunho de Rigoberta Menchú, sendo assim mostrado como uma ferramenta discursiva. Pois através desses testemunhos individuais, segundo Silva (2003, p.308), eles serão compreendidos como sujeito coletivo. “O próprio sujeito testemunhal coletivo é representativo de sua comunidade, não precisando da mediação do intelectual, que aqui, na figura do gestor, apaga-se e despersonaliza-se, transformado em puro veículo para a apresentação do sujeito coletivo” (SILVA, 2003, p.312). Isso fica claro logo no início do testemunho quando o sujeito destaca no seu discurso que sua história, ou melhor sua situação pessoal engloba a realidade de uma comunidade, fazendo assim de seu testemunho, de suas memórias, como nos fala Maingueneau (2018) o acontecimento da relação de um texto literário com um contexto histórico. De acordo com Ricoeur (2007, p.170) o testemunho é uma forma rápida que nos leva ao passado. E que foi através dele que começou um processo epistemológico que partiu da memória declarada. Nesse processo passa-se por arquivo, documento e termina nas provas documentais. Ele ainda diz que o testemunho tem várias utilidades, e o arquivamento é só uma delas. E de tal modo vamos aprofundando cada vez mais nos nossos estudos sobre a Memória e a Literatura.

A memória literária de acordo com Oliveira (2014, p.16) é um tipo de gênero que pode ser usado para trabalhar no aprendizado da compreensão do alunado sobre o sujeito como ser social. Pois ainda segundo o autor, este tipo de texto ensina noções sobre a subjetividade, e também traz conteúdo no seu discurso de elementos histórico social. Nesse tipo de texto, quando o narrador narra suas lembranças, elas podem não ser totalmente verdadeiras, já que no ato de lembrar não é o mesmo que reviver, e sim, um momento de reconstruir, com as ideias e imagens atuais do seu agora, ou seja do seu presente. Com isso, o narrador memorialista no ato de contar suas memórias, ele pode e está livre para recriar tudo o que viveu, e pode também agregar,

aproveitando a sua história neste momento de recriação, para trazer à tona o seu eu do presente, e assim imprimir em seu texto um outro ver do que foi vivido.

Segundo Oliveira (2014, p. 17), este é um tipo de texto que qualquer pessoa pode escrever, mas uma pessoa com mais experiência ela tem mais memórias de vivências dos momentos anteriores para contar, permitindo assim que seu leitor tenha acesso a sua época. “Assim, temos acesso a um período distante do ponto de vista temporal, que nos permite delinear as transformações pelas quais a sociedade passou” (OLIVEIRA, 2014, p.17). Com este gênero o autor vai estar trabalhando com um diálogo entre passado e presente. Pois as memórias literárias permitem assim no ato de lembrar uma releitura do tempo vivido. De tal que modo ler esse tipo de texto é:

ir além de uma simples curiosidade sobre o passado, é compreender o mundo através do olhar de quem viveu um outro momento histórico e hoje pode refletir sobre o presente, distante das “amarras” 18 sociais e ideológicas de seu passado, mas sob uma perspectiva de liberdade, de forma que apenas assim é possível para nós verificar uma história social. (OLIVEIRA, 2014, p.18).

Ainda de acordo com Oliveira (2014, p.19) esse gênero nos permite entender como o passado pode ser apreciado no momento presente. Sendo assim, podemos perceber até o presente momento da nossa pesquisa que o gênero memória literária, leva o seu narrador direto ao encontro com o seu eu, que está à procura de sua identidade. E assim ele sai juntando as peças que encontra no ato de recordar, e com isso acaba encontrando o seu eu, com uma identidade de ser histórico social.

Houve um período da literatura conhecido como renascimento. Nesse momento, a memória foi simbolizada com uma figura de cão negro. Segundo Silva (2017, p.106), o significado para essa imagem seria porque o cachorro é um animal fiel ao homem e a cor escura do cão é uma interação melancólica com a fidelidade. Essa comparação se faz porque a memória segue fielmente ao homem, e chega a ser às vezes um sofrimento. Isso porque não existe um equilíbrio de memórias, ou você sofre por não esquecer uma lembrança ou sofre porque esqueceu de vez. Ainda de acordo com Silva (2017, p.106), as memórias precisam ser transformadas em alguma coisa, para que a pessoa não fique sobrecarregada ou para que não esqueça de vez.

No texto de Halbwachs (2004, p.29), ele exemplifica esse ponto do esquecimento, falando de um professor que não se lembrava do aluno, o que

aconteceu justamente por ele não ter tido o apego ao grupo de alunos. Com isso, o aluno lembrava do professor pois estava sempre em contato com os outros alunos da sua época de convívio com este professor, ou seja, ele tinha essa memória por conta da comunidade, as testemunhas. Já o professor, não lembrava pois não teve relação maior com a turma, e também porque não teve convívio social, como os alunos tinham uns com os outros. Ou seja, ele era sua própria testemunha dessa época e por isso esqueceu.

Segundo Halbwachs (2004, p.29), quando não temos contato com as testemunhas das memórias acabamos esquecendo partes dessas lembranças. Mas ele ainda diz que existem possibilidades de lembrarmos de algo por si só, que ele chama de intuição sensível. Ainda acordo com Halbwachs (2004, p.36), ao vermos um lugar que faz parte dessa memória, isso não faz com que aconteça o resgate dessa memória esquecida. Porém, os sentimentos que nós guardamos desse lugar pode sim fazer com que essa memória ocorra. “não seria suficiente rever o quarto em pleno dia para recordá-las: seria necessário que imaginássemos ao mesmo tempo a nossa tristeza, nossa surpresa ou nossa inquietude” (HALBWACHS, 2004, p.36).

A memória coletiva fornece os dados para constituição das memórias individuais. Segundo Halbwachs (2004, p.27), para termos uma memória individual, nós precisamos de uma memória coletiva, que se constrói pela vivência em grupos, em uma comunidade, experimentando as relações sociais no dia a dia. Ou seja, a nossa memória individual é as nossas experiências particulares, sendo apoiada pela memória coletiva. A memória individual é uma ressignificação da memória coletiva, elas estão interligadas. Com isso, estudar a memória é aprender sobre a história, e os aspectos culturais de cada sujeito e seus grupos. Quando se entende que a memória de um indivíduo é também a memória de sua região e dos grupos de que faz parte, considera-se a memória como uma construção coletiva. E quando a experiência é criada em grupo, ela acaba ficando mais forte, ou seja, ela ficará gravada na memória por muito mais tempo. “Todo o conjunto das lembranças que temos em comum com eles bruscamente desaparecem. Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam.” (HALBWACHS, 2004, p.32). Diferente da individual, que por não ter um suporte de um grupo, pode facilmente ser esquecida.

Os estudos de Halbwachs e Silva nos levam a pensar e a concretizar este pensamento, de que ao recordamos de uma memória individual estamos interligados com uma memória coletiva, pois nunca estamos sozinhos. “cada memória individual

é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios" (HALBWACHS, 2004, p.51). De tal modo exemplifico esta ideia articulando uma hipótese de acontecimentos, digamos que você foi a uma praia sozinho em um domingo e ali neste dia você está sozinho, porém recordando que no domingo anterior você estava com alguns amigos nessa praia e tiveram momentos felizes. Então assim podemos dizer que é uma construção de memória individual com base em uma memória coletiva. E que deste modo a pessoa que recorda está sob influência dos grupos sociais do qual faz parte.

A memória é constituída e comprometida pela subjetividade daquele que recorda, e pelo momento e espaço nos quais a recordação tem lugar. Como as memórias são reelaboração de um mundo extinto, alguns elementos como o tempo, nostalgia, perda, volta à infância, que é produtora de significantes instáveis, transformam-se em agentes que interagem para comprometer essa recordação, tornando a memória, desse modo, dinâmica, fluida e falível. (SILVA, 2017, p.110).

Agora se formos para a direção das memórias da infância, podemos dizer que a memória pode ser falha:

A reconstrução da memória via discurso do universo infantil é uma tarefa que não pode excluir o imaginário, ainda mais porque se trata de um discurso que reverbera um movimento de rememorar, e a memória, como se sabe, também se alimenta com essência do imaginário. (SILVA, 2017, p.116).

Falha no sentido de dizer que as lembranças podem se misturar com pensamentos irrealis, ou seja, o imaginário. Significando assim que parte da memória pode não ser verdadeira. Silva (2017, p.127), nos diz que quando somos crianças nosso primeiro elo de sociedade é com nossos familiares, e com isso acabamos construindo uma memória que se torna uma identidade erigida através de uma memória alheia, pois recebemos dados narrados sobre nossa própria existência.

As crianças antes eram uma classe marginalizada, não eram consideradas como úteis.

O conceito que hoje temos de infância é uma construção relativamente recente cuja origem remete ao século XVIII, período no qual o estado, primeiramente, o francês, começa a se preocupar com uma provável defasagem demográfica. É a partir de então que a criança passa a ser encarada como um ser de valor potencial, e mesmo as crianças abandonadas passaram da condição de párias para a de futuros cidadãos. (SILVA,2017, p.116).

Sendo assim, podemos dizer que a infância, com o passar dos tempos, passou por diversas transformações, pois a criança deixou de ser alguém que precisava de cuidados e passou a ser uma peça social de alta importância. Ela ainda era vista como um ser frágil, mas sua imagem agora era vinculada a um ser inocente. É a partir do próximo capítulo que veremos como a memória e as lembranças da infância das crianças são trabalhadas na literatura. Pois, assim como o Hatoum que tem como norte inicial nas suas narrativas as memórias que são usadas para trazer o verdadeiro eu do personagem perdido no passado, ele acaba resgatando as lembranças da infância do narrador personagem. Assim teremos outros escritores literários como por exemplo Machado de Assis que também poderemos encontrar a presença da memória em suas obras. E para refletirmos mais sobre as memórias literárias sendo um gênero discursivo, precisaremos compreender que o enunciado é uma unidade discursiva estritamente social, como veremos no próximo subtópico.

## **2.2 A presença da memória na literatura**

Como já vimos até o presente momento da nossa pesquisa, a memória se encaixa, ou melhor é usada na literatura, através da memória literária, que é um tipo de gênero, como já explanamos anteriormente e até explicamos como ele funciona. Ele é um tipo de texto que sempre encontramos um narrador personagem, o sujeito responsável pela enunciação, e sendo assim pelo discurso.

Foucault (2008, p. 59) em seus estudos sobre o discurso, destaca e deixa claro este acontecimento não é um evento que surge apenas de um sujeito que conhece e sabe o diz, é um acontecimento, que segundo o autor, é uma manifestação contrária, podem acontecer separadamente do sujeito. Porém, para sua existência tomar forma concreta, o discurso necessita dos enunciados, pois sem eles não seria possível o seu desenvolvimento. O enunciado seria assim uma forma característica do discurso, já que ele não é uma forma peculiar da língua. O subordinado do discurso é uma pessoa que está sempre na busca por compreensão, ele deseja ser compreendido.

Para entendemos melhor, Foucault fala sobre o campo enunciativo explicando que:

[...] É compreende o que se poderia chamar um domínio de memória (trata-se dos enunciados que não são mais nem admitidos nem discutidos, que não definem mais, conseqüentemente, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica). É assim que o campo de memória da história – natural, desde Tournefort, aparece como singularmente estreito e pobre em suas formas, quando o comparamos ao campo de memória, tão amplo, tão cumulativo, tão bem especificado, da biologia, a partir do século XIX;(FOUCAULT,2008, p.63).

Com isso, podemos perceber, que o termo “enunciado”, nada mais é que a própria unidade elementar do discurso. Foucault (2008), em seus estudos, tentou restringir mais um pouco as definições da palavra discurso, porém ele acabou ajustando mais sentidos a palavra. Uma hora ela tem domínio geral sobre todos os enunciados, segundo o autor, e uma outra hora ela tem somente sobre grupos individualizados. Já o ato ilocutório nada mais é do que o próprio enunciado sendo enunciado. E assim “a análise do discurso está colocada, na maior parte do tempo, sob o duplo signo da totalidade e da pletora” (FOUCAULT,2018, p.134)

Também temos, de acordo com o autor, a raridade dos enunciados, que é:

Uma forma lacunar e retalhada do campo enunciativo, o fato de que poucas coisas, em suma, podem ser ditas, explicam que os enunciados não sejam, como o ar que respiramos, uma transparência infinita; mas sim coisas que transmitem e se conservam, que tem um valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos; para as quais preparamos circuitos preestabelecidos e às quais damos uma posição dentro da instituição; coisas que são desdobradas não apenas pela cópia ou pela tradução, mas pela exegese, pelo comentário e pela proliferação interna do sentido. Por serem raros os enunciados, recolhemo-los em totalidades que os unificam e multiplicam os sentidos que habitam cada um deles. (FOUCAULT,2008, p.136).

Então, o que estamos tentando deixar claro nesta ocasião é o fato de que para trabalharmos com o discurso do narrador, que é nele que encontraremos a presença da memória na literatura, tivemos que compreender sobre a enunciação, pois ambas estão interligadas, e assim compreendemos, até neste momento, que elas fazem parte uma da outra. E deste modo, trazemos para nosso estudo também o autor Bakhtin (2002) que fala sobre a presença do discurso no romance.

Conforme Bakhtin (2002, p.134), para compreender um discurso é necessário sabermos ou procuramos entender sobre a época em que o personagem fala. E também temos a questão da linguagem que “deixam de ser apenas o objeto de uma parodização puramente polêmica e que tem um fim em si: sem perder inteiramente seu colorido paródico, elas começam a realizar a função de uma representação

literária, de uma representação equânime” (BAKHTIN,2002, p136). E é através da linguagem que o autor coloca de modo infiltrado seus pensamentos.

Como nos diz o autor:

O discurso do herói sobre si mesmo e sobre o seu mundo se funde orgânica e internamente com o discurso do autor sobre ele e o seu mundo. Com essa fusão interna de dois pontos de vista, duas intenções e duas expressões num único discurso, a sua parodização adquire um caráter particular: a linguagem parodiada opõe uma viva resistência dialógica às intenções alheias que a parodiam; na própria representação começa a ressoar uma conversa inacabada; a representação torna-se uma interação evidente e viva de mundos, de pontos de vista, de acentos diferentes. (BAKHTIN,2002, p.137).

E ele ainda deixa bem claro no seu texto que a linguagem de um romance é um sistema bem organizado.

Com isso, como já apresentamos anteriormente no outro subtópico, a infância vai estar presente em inúmeras obras de escritores literários independentemente do momento literário.

Os escritores fazem uso dessa temática para associar as lembranças, ou seja, as memórias de idade de menino com sua vida presente ou para volta ao passado como acontece com as narrativas de Hatoum (*Dois irmãos e Órfãos do Eldorado*). “para trazer à tona aquele eu que se encontra apenas no passado, é necessário que se evoque também o poder do devaneio, pois através dele se pode abrir o núcleo de infância que habita em cada um” (SILVA, 2017, p.116). Alguns autores trabalharam com a infância, como por exemplo, o José Lins do Rego, Augusto Meyer, Graciliano Ramos, Murilo Mendes, Drummond, Hatoum, entre outros, fazendo dela um recurso memorialístico.

De acordo com nossos estudos, podemos dizer que os escritores que trabalham com as memórias da infância fazem uma viagem no mundo da imaginação. No texto de SILVA (2017), ele nos conta que Hatoum em uma entrevista na revista *Na ponta do lápis*, feita em junho de 2008, fez um comentário de que não existe a literatura sem a memória, e que a infância é a terra de todo escritor e onde muitas das vezes acontece as transmutações da memória em literatura. Além disso, Silva (2017, p.102) também nos diz que o escritor é o todo poderoso, que brinca com o tempo, pois tem o poder de estar em todos os tempos de uma narrativa, onde sabe ter a sabedoria inerente da onisciência seja do divino ou do humano. Ele é o único que sabe do presente, passado e futuro.

E sobre a memória, ele também nos diz que dela não podemos escapar, estaremos para sempre ligadas as nossas lembranças do passado. Assim como o Hatoum já nos falou em seus textos e entrevistas, o escritor Silva também nos alerta sobre o que fazemos com a memória, como usá-la a nosso favor, vejamos:

Se esse cão fiel é, muitas vezes, perverso e teima em nos acompanhar infinitamente e ser nosso fardo crescente, por que não transformá-lo, ludibriá-lo, multiplicá-lo nas mil faces do imaginário? por que não perseguir a memória, na fidelidade da mentira ficcional? Por que não tocar nas suas fendas secretas, nas mais complexas fissuras que fazem de si essa coisa híbrida, mistura de sonho e realidade? (SILVA,2017, p.107).

Ecléa Bosi fez um trabalho com velhos, onde ela nos diz que os velhos são os guardiões do passado. Como se fossem uma espécie de baú, onde podemos encontrar o passado guardado. Ela ainda explana que eles têm uma função social, que é lembrar e aconselhar. “unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir” (BOSI, 1994, p.18). A sociedade, porém, não aceita os conselhos dos mais velhos, impedindo assim que as lembranças venham acontecer, e com isso temos a velhice oprimida, e essa opressão acontecer de várias maneiras: mecanismos institucionais, psicológicos, técnicos e científicos. Ainda de acordo com Bosi (1994, p.18), a luta do velho ou melhor, da velhice na sociedade, é lutar para continuar sendo homem e ainda tentar sobreviver, isso sem poder ter projetos, e significando que são impedidos de lembrar ou de ensinar.

De acordo com a autora, a lembrança é “a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens -lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios” (BOSI,1994, p.53). E por isso, muitos escritores como a Ecléa Bosi trabalham com os testemunhos dos velhos, evocando a memória como função social, a alta função da lembrança. “Mas o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens” (BOSI,1994, p.82).

No livro de Silva (2017), ele nos conta de uma entrevista que o próprio Milton Hatoum deu para o jornal *O Estado de São Paulo* no ano de 2008, onde ele fala sobre história de seu livro, que é nosso objeto de estudo, Silva (2017) descreve que nessa entrevista o Milton Hatoum diz que de certa forma sua narrativa ter uma base

verdadeira, porque foi através do testemunho de seu avô que ele guardou lembranças de uma conversa, que seu avô discorreu sobre uma de suas viagens ao Amazonas, e que essa história que ele narrou já foi que ele ouviu de um homem por lá. “A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte” (BOSI, 1994, p.82).

Com base em nossa pesquisa, prontamente vimos até nesta ocasião, que do mesmo modo como acontece quando são usadas as memórias da infância, acontece com as memórias dos velhos, que dão asas aos escritores para a imaginação, pois as memórias acabam fundido com o vivido e o imaginado. E, com isso, o escritor escreve sobre o que viveu e o que não viveu, sua memória, assim, se fortalece e ficcionaliza. “Aquilo do qual lembramos nunca é fato preciso, tal como foi, mas algo fluido, elástico, polissêmico, reinvenção do vivido” (SILVA, 2017, p.108). Significando, portanto, que o passado é imóvel, porém que se reinventa a partir da linguagem.

Para Bosi (1994), em hipótese que existe mais de um tipo de memória, onde uma destas constituiria exclusivamente em reviver o passado, essa com certeza seria a dos velhos, pois segundo a autora eles estão mais livres no seu dia a dia, com a chegada da velhice, e já que não ter mais as atividades obrigatórias do seu dia, como trabalho, eles teriam mais tempo para reviver lembranças do passado.

Sendo assim, na literatura podemos encontrar de tal maneira através da infância como da velhice, a memória, porque os escritores, como já vimos aqui, faz uso dessa volta ao passado ou do momento presente do seu narrador para resgatar memórias do personagem, fazendo dela uma história verdadeira ou não, pois trabalhar com a memória permite uma viagem no imaginário, porque as memórias elas não são claras. “A memória literária, pois, perpassa o temporal e o histórico além de abrigar o devir e suas múltiplas e desconcertantes verdades” (SILVA, 2017, p.102). Obras literárias como *Dois irmãos* e *Órfãos do Eldorado* de Milton Hatoum trazem nas falas dos narradores essa questão da memória coletiva e ao mesmo tempo história, pois ele acaba fazendo uma junção, se analisamos bem da história familiar com partes dos fatores históricos da época, como a cabanagem, o ciclo da borracha e até a visita de Getúlio Vargas.

Deste modo, percorremos a seguir o ponto da memória discursiva, onde já adentramos em nossa análise. Mostraremos através da memória discursiva do

narrador esse processo discursivo, que funciona no encontro da memória mítica, social e histórica.

### **3 A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DISCURSIVA EM *ÓRFÃOS DO ELDORADO***

Neste capítulo, veremos na prática tudo o que aprendemos até este momento com base nos estudos dos teóricos que usamos na fundamentação de nossa pesquisa. Sendo assim, observaremos como o escritor do romance trouxe na sua história todas as marcas ou melhor todas as características de um texto do gênero “memória literária”. E com isso analisaremos a estrutura e o discurso do narrador, pois como já sabemos, a construção se dá através do narrador que é também o personagem principal na obra e com isso ele acaba resgatado o seu passado através da memória tanto individual como da coletiva, e a partir disso vai construindo o seu discurso, fazendo uso da linguagem com verbos no passado. E será assim que analisaremos essa novela de Milton Hatoum.

#### **3.1 A estrutura narrativa de *Órfãos do Eldorado***

Como já citado anteriormente, neste capítulo trabalharemos no desenvolvimento de nossa análise proposta no começo da pesquisa. E neste subtópico analisaremos o Arminto, narrador e personagem principal da obra *Órfãos do Eldorado*, que é nosso objeto de estudo.

Antes de iniciarmos essa análise propriamente dita, já destaco algumas informações peculiares quanto a estrutura que o escritor usou na construção da obra. Como por exemplo, as falas dos personagens que foi uma inovação, pois ele não fez uso dos travessões para destacar o discurso dos personagens. Também podemos observar que a narrativa não segue uma ordem cronológica, pois como até comentamos anteriormente, o narrador está sempre indo e vindo do presente para o passado. O Milton Hatoum nesta novela não fez uso de marcação de capítulos, e ele usou o narrador como um personagem principal.

No início da narrativa, já encontramos trechos narrados que nos associam às nossas teorias estudadas sobre a memória. Aliás, nesse momento nosso objetivo é de analisarmos como a memória discursiva de Arminto se constrói nessa novela. De início já observamos que o narrador personagem para reconstruir sua história do

passado, ele faz o processo de lembrar suas memórias. E através de seu discurso, podemos nos deparar com um grande encontro das memórias. Já que é assim que funciona a memória discursiva.

No decorrer da narrativa notamos elementos no qual o Arminto rememora fatos históricos. Em sua memória discursiva, ele lembra do ciclo da borracha no Amazonas, “fazia tempo que eu não pisava em Manaus, e eu sabia que a guerra na Europa prejudicava a exportação da borracha” (HATOUM, 2008, p.38). E também do fim da guerra dos cabanos, quando, no ato de lembrar das memórias sobre seu avô Edílio Cordovil, vem a memória histórica da cabanagem: “(...) em 1840, no fim da guerra dos cabanos, plantou cacau na fazenda boa vida, a propriedade na margem direita do Uaicurapá, a poucas horas de lancha daqui” (HATOUM, 2008, p.14). Estes enunciados do discurso do narrador nos remetem os estudos do Maingueneau (2018) e Silva (2003) que falam sobre o fato do narrador imprimir através do seu discurso, de suas lembranças, uma época, um fato histórico. Ou seja, é neste trecho que podemos ver, segundo Maingueneau (2018), o acontecimento da relação de um texto literário com um contexto histórico.

Podemos dizer que realmente o Hatoum é o mestre nas transmutações das memórias para a literatura, como podemos ver ele nessa obra, associou o ciclo da borracha com a participação do Brasil na segunda guerra mundial e o governo Vargas. Vejamos um fragmento, onde o narrador narra essa memória histórica.

A segunda Guerra chegou até aqui. E pela primeira vez um presidente da República visitou Vila Bela. Toda a cidade aplaudiu o homem na praça do Sagrado Coração. Até os mortos estavam lá. Eu, que só vivia para Dinaura e podia morrer por ela, não sai deste casebre. O presidente Vargas disse que os aliados precisavam do nosso látex, e que ele e todos os brasileiros fariam tudo para derrotar os países do Eixo. Então milhares de nordestinos foram trabalhar nos seringais. Soldados da borracha. (HATOUM, 2008, p.94).

*Órfãos do Eldorado* começa já com as memórias do personagem sendo narrada por ele já velho, porém ele volta no tempo de criança, trazendo suas lembranças da infância associando à memória mítica. Neste momento, podemos ver que o escritor brinca com o tempo, pois ele acaba levando seu narrador em todos os tempos (presente, passado e futuro). Além disso, podemos observar, conforme vimos na fundamentação teórica, a memória discursiva acontece assim nesses resgates da infância, onde também podem acontecer o imaginário. Os escritores usam essa volta

no tempo de velho para criança e também faz uso das testemunhas para associar suas memórias individuais e coletivas.

A voz da mulher atraiu tanta gente, que fugi da casa do meu professor e fui para a beira do Amazonas. Uma índia, uma das tapuias da cidade, falava e apontava o rio. Não lembro o desenho da pintura no rosto dela; a cor dos traços, sim: vermelho, sumo de urucum. Na tarde úmida, um arco-íris parecia uma serpente abraçando o céu e a água. (HATOUM, 2008, p.11).

Nessa passagem do texto, nós nos deparamos com uma memória da infância do narrador. Ressaltamos essa questão da falha na memória, pois tem um momento neste trecho que o próprio narrador diz que não lembra o desenho no rosto da Índia, dando espaço para a imaginação do escritor e o encontro mítico no discurso do personagem. Trazendo à tona suas memórias da infância de um tempo em que ouvia histórias intrigantes que povoavam a sua imaginação. Percorramos mais um trecho:

Uma história estranha me assustou: a da cabeça cortada. A mulher dividida. O corpo dela sempre vai atrás de comida em outras aldeias, e a cabeça sai voando e se gruda no ombro do marido. O homem e a cabeça ficam juntos o dia todo. Ai, de noitinha, quando um pássaro canta e surge a primeira estrela no céu, o corpo da mulher volta e se gruda na cabeça. (HATOUM, 2008, p.13).

Igualmente como vimos nos estudos de Ecléa Bosi que trabalhou com os testemunhos dos velhos, evocando a memória como função social, o Milton Hatoum também fez uso do testemunho de um velho para evocar a memória social.

Quando meu avô me contou a história dos órfãos, eu quis saber onde ele havia escutado. Anos depois, ao viajar pelo médio Amazonas, procurei o narrador na cidade indicada. Ele morava na mesma casa que meu avô tinha descrito, e era tão velho que nem sabia sua idade. Ele se recusou a contar sua história: - já contei uma vez, para um regatão que passou aqui e teve a gentileza de me ouvir. Agora minha memória anda apagada, sem força. (HATOUM, 2008, p.106).

Logo em nossa análise observamos até esta ocasião, que o autor destaca duas vezes a velhice nessa obra. Ele usa o personagem principal já na fase de sua vida de ancião, e como também traz ainda o Arminto recordando das falas de seu avô, ocasionando essa experiência profunda e social que nos fala Ecléa Bosi no seu texto *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*.

Num domingo de 1965, quando ainda não havia TV no Amazonas, meu avô me chamou para almoçar na sua casa. Eu nunca recusava esses convites,

pois sabia que, depois de comer os quitutes preparados pela minha avó, ele me convidaria para uma conversa à sombra de um jambeiro. (HATOUM, 2008, p.105).

As memórias por apresentarem sempre relação com social acabam ficando guardadas nas correntes dos pensamentos e vão sendo resgatadas de acordo com as situações que o indivíduo vai vivendo. Podendo elas serem esquecidas, mas no exercício de lembrar, a memória tem o poder de no ato de rememorar, reconstruir o passado daquele que recorda. Cada ser tem sua memória individual, que é parte de uma coletiva.

No próximo subtópico investigaremos a presença da memória individual e coletiva no discurso do narrador e também verificaremos a linguagem usada na construção da memória discursiva de Arminto. O escritor ao criar a história dessa novela não se poupou nas referências históricas e culturais, nas quais aparecem na narrativa como um fundo histórico pessoal do Arminto, porém conectados ao meio social e cultural da época e da cidade.

### **3.2 A memória discursiva do narrador**

Como já falado em nossa pesquisa e como mesmo nos diz Halbwachs, são os grupos sociais e os elos familiares que formam nossas memórias individuais. Durante toda narrativa de Arminto podemos ver essa questão de apoio em suas memórias coletivas. Suas memórias individuais sendo construída com base nos personagens que fazem parte de seu convívio desde sua infância até a sua velhice.

De tal modo, podemos observar nesse seu discurso a presença da memória individual e coletiva, que estão sendo construídas com o apoio das testemunhas na sua narrativa memorialística, pois como afirma o Halbwachs (2004) as testemunhas são fundamentais para nossa memória para que não aconteça o esquecimento. Se temos o convívio com elas podemos aguardar por muito mais tempo nossas lembranças e se temos sentimentos por certos lugares e pessoas então recordaremos com mais força dessa nossa memória, conforme se verifica em “até hoje recordo as palavras que me destruíram: Tua mãe te pariu e morreu. Florita ouviu a frase, me abraçou e me levou para o quarto.” (HATOUM, 2008, p.16).

O primeiro nome citado pelo Arminto na construção de sua memória discursiva é o de Florita. Ela que constituiu, podemos assim dizer, as primeiras lembranças de

Arminto, pois foi a primeira pessoa familiar, ou seja do elo de família, a depositar lembranças de sua infância no personagem, quando ele ainda era um bebê:

Uma tapuia me amamentou. Leite de índia, ou suco leitoso do troco de amapá. Não me lembro do rosto dessa ama, de nenhum. Tempo de escuridão, sem memória. Até o dia em que amando entrou no meu quarto com uma moça e disse: Ela vai cuidar de ti. Florita nunca mais arredou o pé de perto de mim, por isso sentia falta dela quando morava em Saturno. (HATOUM, 2008, p.16).

O narrador começa a citar a personagem Florita desde seu regaste às memórias da infância quando ele recorda de quando ouvia as lendas a beira do rio, na Aldeia dos índios. Ele destaca em seu discurso que era a Florita que fazia as traduções das falas dos índios, para que ele entendesse as histórias de mito narradas.

Florita traduzia as histórias que eu ouvia quando brincava com os indiozinhos da aldeia, lá no fim da cidade. Lendas estranhas. Olha só: a história da piroca comprida que atravessava o rio Amazonas, varava a ilha do Espírito Santo e fisgava uma moça lá no Espelho da Lua. (HATOUM, 2008, p.12).

Como base no texto do Halbwachs (2004), destacamos que a personagem Florita é usada por este narrador, como apoio de sua memória coletiva para a memória individual. Podemos perceber ainda isso quando ele começa a citá-las desde suas memórias, ou seja, desde o momento que ele começa a resgatar memórias de sua infância. Então, na construção de seu discurso, ou melhor, no ato de enunciar suas recordações de menino, ele se apoia na personagem de Florita. Os estudos de Halbwachs e Silva nos levam a pensar e concretizar este pensamento, de que ao recordamos de uma memória individual estamos interligados com uma memória coletiva, pois nunca estamos sozinhos, como se observa:

Lembro que saí da sala e fui com Florita até o quintal. Disse a ela que não queria morar com o Amando, nem no palácio branco nem na chácara de Manaus. Depois que sua mãe morreu, seu Amando não gostou de mais ninguém, só dos malditos cargueiros. Ela me beijou na boca, o primeiro beijo, e pediu que eu tivesse paciência. Louco pelas indiazinhas. Repeti essas palavras com o gosto do beijo de Florita. (HATOUM, 2008, p.24).

Aqui também encontramos este enunciado do narrador onde ele fala sobre uma recordação de seu primeiro beijo com Florita que foi também um momento que ele recorda de uma raiva que teve de seu pai. E assim vamos percebendo em nossa

análise essas ligações entre os personagens que o narrador vai usando na construção de seu discurso e que lembra no ato da volta ao passado, usando-os para construir sua memória individual baseando-se em sua memória coletiva, empregando-a como um apoio do seu ciclo familiar e social, uma testemunha.

Agora teremos Estiliano, segundo personagem que foi mencionado, isso seguindo a própria sequência da narrativa, e a ordem que o Arminto fez na interação com os personagens de sua memória coletiva no ato de recordar. Este personagem tem o mesmo caso peculiar da personagem anterior. O narrador usa o personagem do Estiliano, que era o melhor amigo de seu pai, no caso do pai do narrador por ser uma base para recordar das memórias que ele teria que resgatar do pai:

Estiliano era o único amigo de Amando. “Meu querido Stelios”, assim meu pai o chamava. Essa amizade antiga havia começado nos lugares que eles evocavam em voz alta como se ambos ainda fossem jovens: as praias do Uaicurapá e do varre vento, lago Macuricanã, onde pescaram juntos pela última vez, antes de Estiliano viajar para o Recife e voltar advogado, e amando casar com minha mãe. (HATOUM, 2008, p.18).

Mais uma passagem da narrativa que deixa claro no discurso do Arminto, que o laço é forte do Estiliano com a família Cordovil, principalmente como o Amando, por isso essa associação de apoio no momento de recordar memórias do narrador com o pai. Segundo Halbwachs (2004, p.27), para termos uma memória individual, nós precisamos de uma memória coletiva, que se constrói pela vivência em grupos, em uma comunidade, experimentado as relações sociais no dia a dia. Vejamos:

Tive a impressão de que todos conheciam meus passos, e fiquei surpreso quando o dono da mercearia me entregou uma passagem para vila bela no *La Plata* e um bilhete datilografado: *reunião na casa do advogado Stelios as 17 horas do dia 24 de dezembro*. AC. Amando tinha calculado tudo: a data do embarque, o navio, a hora e o lugar do encontro. Anos depois desconfie da autoria do bilhete. Podia ter sido escrito por Estiliano. (HATOUM, 2008, p.25).

Azevedo e Forghi (2019, p.5) nos dizem que a memória literária, é uma narrativa, onde se narra recordações(lembranças) de uma vivência pessoal. Nesse trecho da obra analisada, encontramos este momento do reencontro do filho com o pai, onde o mesmo chega a morrer.

O cabelo bem penteado parecia uma armadura. Meu pai caminhava para o palácio branco. Quando saiu da sombra, ele ergueu a cabeça para o sino da torre, virou o corpo e tomou a direção da rua Matadouro. Acho que havia decidido ir logo à casa de Estiliano. No fim da praça, parou, e as mãos

cruzadas agarraram o ombro, como se ele abraçasse o próprio corpo. (HATOUM, 2008, p.27).

Já com Dinaura foi isso que aconteceu com a memória que o personagem Arminto tinha dela. “Todo o conjunto das lembranças que temos em comum com eles bruscamente desaparecem. Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam.” (HALBWACHS, 2004, p.32). Pois como ele não tinha mais tido o contato com ela depois do velório do pai, ele não conseguia lembrar de seu rosto com clareza. “Não lembrava com nitidez do rosto; dos olhos, sim, do olhar. Rever o que foi apagado pela memória é uma felicidade. Tudo voltou: o sorriso, o olhar vivo no rosto anguloso, olhos mais puxados que os meus. Uma índia? procurei a origem, nunca encontrei”. (HATOUM, 2008, p.31).

De acordo com Oliveira (2014, p.16) quando o narrador narra suas lembranças, elas podem não ser totalmente verdadeiras, já que no ato de lembrar não é o mesmo que reviver, e sim um momento de reconstruir, e de criar.

No porto de Vila Bela, alguém espalhou que a órfã era uma cobra sucuri que ia me devorar e depois me arrastar para a cidade no fundo do rio. E que eu devia quebrar o encanto antes de ser transformado numa criatura diabólica. Como Dinaura não falava com ninguém, surgiram rumores de que as pessoas caladas eram enfeitiçadas por Jurupari, deus do mal. (HATOUM, 2008, p.35).

No discurso do Arminto, ele também rememora e narra um problema social da época. Onde na sua narrativa ela traz uma denúncia de violência, abuso sexual. “Quanto pagaste por essa criatura? Confessou: tinha dando uns trocados ao pai da menina, e na viagem para vila bela abusou da coitada. Quase criança, os olhos fechados de medo e vergonha. Levei-a ao palácio branco e fui avisar a polícia.” (HATOUM, 2008, p.65).

Com isso podemos ver até o presente andamento da análise que a memória discursiva do narrador se dá, na construção de sua memória individual, quando ele começa a resgatar suas memórias coletivas, associando-as testemunhas de seu passado, que são os personagens como citado acima, que fizeram parte de suas memórias da infância até sua velhice.

Bakhtin (2002) nos fala, como já citado na pesquisa, que a linguagem de um romance é um sistema bem organizado. Com isso observamos que o narrador na construção de seu discurso, para fazer esse viés de passado e presente, ele faz uso

das conjugações verbais, usando a maioria no estado do passado, que na trama ele volta muito para o passado nas partes em que ele rememora uma memória passada.

Devia ter uns vinte anos quando Amando me levou para Manaus. Meu pai calou durante toda a viagem; só no desembarque é que disse duas frases: vais morar na pensão Saturno. E tu sabes por quê. Era um sobrado pequeno e antigo na rua da instalação província. Morei num dos quartos do térreo, e usava o banheiro ao lado do porão, onde dormiam uns rapazes que haviam fugido do instituto de jovens artífices. (HATOUM, 2008, p.15).

Como vimos, o enunciado seria assim uma forma característica do discurso, já que ele não é uma forma peculiar da língua. O subordinado do discurso é uma pessoa que está sempre na busca por compreensão, ele deseja ser compreendido, vejamos este trecho em que o Arminto narra uma passagem que rememora a amargura e desprezo de seu pai.

De olho no cargueiro, lembrei que amando detestava ver o filho com crianças da Aldeia. Flechávamos peixinhos, subíamos nas árvores, tomávamos banho no rio e corríamos na praia. Quando ele aparecia no alto da escada dos pescadores, eu voltava para o palácio branco. Lembrei também do desprezo e do silêncio. (HATOUM, 2008, p.21).

Bakhtin (2002, p. 137) fala que “o discurso do herói sobre si mesmo e sobre o seu mundo se funde orgânica e internamente com o discurso do autor sobre ele e o seu mundo.”

Voltei para Vila Bela e fiquei escondido aqui, mas estava muito mais vivo. Ninguém quis ouvir essa história. Por isso as pessoas ainda pensam que moro sozinho, eu e minha voz de doido. Aí tu entrastes para descansar na sombra do jatobá, pediste água e tivesse paciência para ouvir um velho. Foi um alívio expulsar esse fogo da alma. (HATOUM, 2008, p.103).

Na narrativa o personagem do Arminto, não é bem um herói, ele é um personagem protagonista, que é também o próprio narrador do romance, e com isso podemos ver essa fusão que comenta Bakhtin (2002) em seus estudos sobre discurso se funde com personagem e autor.

Portanto concluímos nossa análise dizendo que a memória discursiva, ela é construída com base na enunciação e nas memórias do narrador, podendo ela ser individual ou coletiva, como acontece no decorrer da narrativa do Milton Hatoum. Nessa obra que utilizamos na pesquisa encontramos um narrador personagem, que para construir de sua memória individual ele usar os personagens, ou seja, as pessoas que fizerem parte de sua memória coletiva para construção de sua memória individual.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a memória é estudar a Literatura. Assim como também é ter a oportunidade de vivência a história vivida de cada pessoa dentro de seu grupo social. Portanto podemos compreender que a memória de um indivíduo, é sim também, a memória que ela traz de sua região ou melhor de seu grupo social do qual ela faz parte, passando assim a memória a ser uma construção de caráter coletivo.

Assim concluímos que a narrativa de *Órfãos do Eldorado* nos oferece um mergulho no passado do personagem, um voltar no seu tempo de criança, com a finalidade de se entender melhor como sujeito no mundo. Portanto, a memória passa a ser uma ferramenta para a narração, pois ela é uma tentativa de imaginar o passado, de (re)construí-lo, de esclarecer um momento sombrio do personagem.

Com isso, ficou claro a determinação rememorativa impulsionou a trama narrativa, porém isso não significou que ela foi plena em sua reconstituição do passado. Porque o texto foi vazado pelas fendas que participam da memória e o passado vivido e perdido se confundindo assim com o passado narrado e imaginado. Desse modo vimos o narrador ter o seu projeto de retomada e registro do passado abalado por sua memória que é também esquecimento. Assim, o narrador tentou, ainda uma vez mais, domar essa memória e, de uma forma ou de outra, foi tentado organizar a própria história revivida no momento da enunciação.

Portanto, com a nossa pesquisa também tivemos a oportunidade de ver a importância de se trabalhar com este tipo de texto. Porque ele permite rememorar um tempo vivido e também de recriar o que viveu com outras impressões, permitindo assim o uso até da imaginação. Por que também neste estudo vimos que a memória é falha, e tem também a questão do esquecimento. Por isso a importância de uma memória coletiva, uma lembrança criada em grupo, porque como vimos assim teremos a memória viva por mais tempo.

Concluímos nosso estudo com uma grande satisfação, pois conseguimos alcançar os objetivos propostos, e conseguimos ver a importância da memória assim juntamente com o discurso ambos conectados na construção de um texto narrativo, uma obra literária. Milton Hatoum nos proporcionou com sua obra uma pesquisa incrível, porque além de estudar o discurso e a memória no texto, ainda encontramos uma vasta gama de conhecimento, como por exemplo à época e à cultura.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Mail Marques de; FORGATI, Tane Silvana Sumi. *O funcionamento da memória como tema literário*. Revista Uniandrade. V.21, n1,2019. Centro Universitário Campos de Andrade, Santa Quitéria, Curitiba- PR.

Disponível em:

<<https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaAlumni/article/view/1286> >

Acesso em: 23/09/2021.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*.4. Ed. São Paulo: Atlas,2002.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*/Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. -6. ed.-São Paulo: Atlas,2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2018.

OLIVEIRA, Raquel Lima Araújo de. *Memórias literárias: o interagir de gerações*. Guarabira, Paraíba,2014.

PINHEIRO, Hélder. *Pesquisa em literatura*. Campina Grande: Bagagem, 2003.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, M. S. (Org.) *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, Marcos Vinicius Medeiros da. *Mitos, memória e infância em Dois irmãos e Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum. Curitiba: CRV, 2017.